

Uma vida ociosa é uma morte antecipada.
GOETHE
O maior escritor alemão (séc. XIX).

ANO IV — N.º 171 = Aveiro, 7 de Abril de 1934
« CORREIO DO VOUGA » — SEMANÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA
COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E ADMINISTRAÇÃO
« GRÁFICA DE COIMBRA », LARGO DA FEIRA — COIMBRA.

DIRECTORES:
Padre Allyrio Gomes de Mello, Prior de Vagos,
Dr. Querubim Guimarães

Proprietário e Editor — P.º Allyrio Gomes de Mello
Administrador — Dr. José Antunes
GRÁFICA DE COIMBRA — COIMBRA
REDACÇÃO — BAIRRO DA APRESENTAÇÃO — AVEIRO

O homem não se desvaira nas trevas da incredulidade por muito tempo; mas, até que torne a descobrir no céu a estrela da fé e a achar na religião as consolações da esperança, todos os horrores do caos atribulam a sociedade, e todos os crimes e paixões freme sobre ela: quebrem o laço normal que liga as consciências ao altar, e verão em breve os frutos que semearam, — frutos de desolação e morte.

REBELO DA SILVA.

Um foliar de Guerra Junqueiro

O médico assistente do grande poeta declarou que o seu estado mental era lucidíssimo: e, nesse lucidíssimo estado, o autor dos *Simões* proclamou de novo estas lucidíssimas verdades... que já havia proclamado em 1914:

A religiosidade nativa e cristã do povo português, que é a força suprema da alma nacional, move-se e vive por tradição, dentro da Igreja e da liturgia católica. Devemos mantê-la pura e ardente, porque é a chama sagrada, que nos aquece e alumia. Os triunfos e conquistas de Napoleão não valem a lágrima dum santo. As pompas das suas vitórias não valem o burel de S. Francisco. O clamor das apoteoses guerreiras e sangrentas não vale o murmúrio flébil da oração voando dos lábios dum justo para Deus. Deviamos pôr em evidência nas mãos de todas as crianças e na alma de todos os portugueses os tesouros de graça cristã, de vida divina, dispersos nos seus poetas e nos seus místicos. Deviamos todos comungar, católicos e não católicos, na essência profunda da mesma espiritualidade religiosa. O dístico — *Sem Deus nem religião* — nas bandeiras das escolas é uma blasfêmia satânica, é um estupro moral!

O magnífico foliar, que acabam de saborear, é especialmente reservado aos « *gatucho de Lenine* »: e sempre é melhor do que os « *rebuçados* » que lhes mandam vir do estrangeiro, não é?...

3 Amêndoas republicanas

Primeira amêndoa: — Na República da Suíça, foi já lançada a primeira pedra do grandioso monumento, que vai ser erguido a Cristo Rei, Príncipe da Paz, devendo só a estátua do Redentor, medir trinta metros de altura.

Segunda amêndoa: — Na República dos Estados Unidos, por decreto do Congresso, foi posto a uma ponte, ha pouco inaugurada, o nome do jesuíta René Menard, que ha 225 anos trabalhou incansável no Estado de Nova Iorque, então selvagem.

Terceira amêndoa: — Na República da França, foram acolher-se os monges Cartuxos, expulsos da Espanha pela tirania azânica, tendo-se agora instalado em Grenoble, e esperando-se para muito breve a sua instalação definitiva na Grande Cartuxa.

Nota: — As amêndoas supra, de boa marca republicana, liberal, democrática, etc., e tal, — são destinadas a certos pseudo-republicanos, façanhudos e cabeçudos, para quem república e democracia são sinónimos de... guerra aos padres e caça aos frades.

... Para esses tais, porém, estas amêndoas, ainda com todo o açúcar deste mundo, são amargas como malagueta!

O X DO PROBLEMA DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Como nuvens que se exalam de terras lameirentas, aquecidas pelos raios matutinos de um sol de primavera, ergue-se de todos os lados, no campo da imprensa que secunda a empresa reformadora da nacionalidade portuguesa, uma celeuma impetrativa de que as escolas, desde as primárias até às universitárias, se não limitem ao papel educativo e estendam a sua acção até à missão educadora.

Ora, como é mister que essa educação se ministre de modo que fique acomodada aos moldes por que se talhou o Estado Novo, pergunta-se ansiosa e apreensivamente se, na verdade, o corpo docente das escolas, isto é, o magistério português, estará apto a ministrar essa educação, e, ainda se todo ele, sem excepção, estará disposto a fazê-lo.

A formulação da pergunta com a apreensão da resposta é mais que legítima; porque se trata de uma questão de vida ou de morte para o Estado Novo. Infelizmente, *a priori*, há fundadas razões para responder negativamente.

A sociedade portuguesa está chegada à hora bem dolorosa da colheita de tempestades que sómente poderia produzir a sementeira de ventos feita durante o período que, por convenção, se chamou da propaganda republicana e ainda dos actos de subversão moral cívica, política e religiosa, de que tão férteis se mostraram os anos que precederam a revolução de 28 de maio de 1926. Digo período que se *convencionou* chamar de propaganda republicana porque, na realidade, as ideias e princípios de que, durante esse período se fez difusão, foram exactamente as mais contrárias, adversas e demolidoras das bases em que, segundo a filosofia política mais corrente deve assentar um governo republicano.

Quando trata das características do governo republicano e dos princípios da democracia que, bem entendido, não é a democracia do partido republicano português e dos que lhe deram a alternativa, diz Montesquieu, no *Espírito das Leis*:

« Não é necessário que os cidadãos sejam dotados de grandes virtudes para que um governo monárquico ou mesmo despótico se possa manter. A força das leis no primeiro, e o braço do príncipe sempre erguido para punir, no outro, regulam e enfreiam todos os desmandos. Mas, em um governo popular, é necessário que haja ainda uma outra mola, uma outra força, que é a VIRTUDE.

« O que digo está confirmado pelo corpo inteiro da História e é conforme à natureza das cousas; porque é evidente que, numa monarquia, onde aquele que faz cumprir as leis se julga acima delas, ha muito menos necessidade de virtude do que, em um governo popular onde, aquele que faz executar as leis, sente que está sujeito a elas e que corre a probabilidade de lhe suportar o peso.

« E' também claríssimo, que o monarca que, ou por ter sido mal aconselhado ou, por mera negligência, deixa de fazer ex-

« cutar as leis, pode facilmente reparar o dano; basta que mude de conselheiros ou se corrija da sua negligência para o conselheiro. Quando, porém, em um governo popular as leis deixaram de se cumprir, como tal negligência não pode provir, senão da corrupção da república; em tal caso o estado está completamente perdido.

« Foi curiosíssimo o espectáculo que, no século passado, (Montesquieu escreveu isto em 1805) deram os ingleses, cujos esforços para estabelecerem a democracia entre si, foram totalmente improficuos. Como áqueles a quem os teve confiada a gestão dos negócios públicos careciam de virtude, a sua ambição, foi excitada pelo êxito de que fôra o mais audaz (Cromwel); e o espirito de façção não era reprimido se não pelo espirito de outra façção, o governo era absolutamente mutadigo e o povo, espantado, procurava a democracia e não a encontrava em nenhures. Pelo que o remédio, foi recorrer de novo ao sistema de governo que se tinha prescrito.

« Os políticos gregos que viveram num sistema democrático não conheciam apoio mais sólido para sustentar um governo, do que o da virtude. Os de hoje não nos falam senão de indústrias, de comércio, de finanças, riquezas e, até, de luxo ».

Este quadro, magistralmente pintado por Montesquieu, representa-nos com expressiva flagráncia, o estado da sociedade portuguesa, em 1926, como consequência inevitável de uma propaganda deletéria que, em vez de fomentar a prática e o amor da virtude, inculciu no espirito dos cidadãos sujeitos à sua catequese, e notoriamente nos que compunham as massas operárias, mais funestas ideias de animadversão ao espirito religioso, base de toda a moral; ao direito de propriedade, único estímulo da perseverança no trabalho; ao amor da família, único incentivo da economia, da formação de pecúlio e da previdência social; ao amor da pátria, única razão da defeza da independência; ao princípio de autoridade, único balaceiro da ordem no estado e da subordinação no lar, barreira única impeditiva da invasão do direito alheio e da tendência para a licença e para os exageros do individualismo.

A Igreja, a Arca detentora do espirito da lei moral, foi, desde o início da república democrática, incompreensivelmente atacada nas suas bases materiais: confiscaram-se-lhe os bens, e as alfaias do culto; subordinaram-se as corporações de feis ao arbítrio e à autoridade de irreligiosos ou de ateus, pozeram-se-lhe os maiores obstáculos à prática dos actos do culto tanto no interior como no exterior dos templos; violou-se a liberdade de consciência perseguindo as congregações; substituíram-se as irmãs hospitalares, desinteressadas e carinhosas por mercenários descaroadáveis e sempre ávidos de recompensas; promoveu-se a deserção da milícia de Cristo tentando os fracos com a isca de casamento e

(Continúa na 2.ª página)

Para o povo ser livre, é necessário que seja religioso e honesto; e para que seja religioso e honesto, é necessário que conheça as doutrinas do Evangelho, que não são mais que a confirmação divina da moral universal: o Evangelho é mais claro e preciso que os volumosos escritos de todos os moralistas filósofos, desde Platão até Kant; a moral que não desce do céu, nunca fertilizará a terra.
ALEXANDRE HERCULANO.

História para galegos

As « histórias » do nosso país encontram-se quasi sempre tão inçadas de erros e injustiças, que não resistimos ao desejo de transcrever alguns períodos da brilhante conferência, que o professor da Universidade do Porto, Dr. Hernani Monteiro, realizou ha dias na Galiza:

... No reinado de D. João III, por exemplo, Portugal mantinha no Colégio de Santa Bárbara, em Paris, 50 bôlsas permanentes, a par de muitas outras em várias universidades europeias. Os resultados foram tão brilhantes que muitos portugueses, até af ignorados na sua Patria, se tornaram professores ilustres, de grande fama mundial... As reformas de D. João V, e do Marquês de Pombal, no reinado de D. José, bem como a acção notável exercida nos reinados de D. Maria I e D. João VI, promovendo a ida ao estrangeiro do escol da intelectualidade lusitana, foram atos de consideráveis consequências na vida literária, artística e científica de Portugal.

Assim ensinou história aos nossos vizinhos aquele eminente professor: assim reabilitou a memória ilustre dos maiores caluniados das nossas « histórias »: D. João III, D. João V, D. Maria I e D. João VI: assim ficaram sabendo a verdade os nossos irmãos galegos: assim abram os olhos a essa mesma verdade... outros mais ignaros galegos!

Sementeira de maus ventos nas escolas

O órgão da União Nacional do Distrito da Guarda acaba de se pôr em guarda... contra os exemplos de muitos mestres indignos, tanto das universidades como dos liceus, — « a começar pelo da Guarda, onde reina a desordem, a anarquia, a confusão, o sectarismo político e religioso, a má fé e o internacionalismo ».

Depois, o *Jornal da Guarda* insurge-se contra os mestres, — « que, por inconsciência ou por maldade, por baixa ou por degradação moral, estão muito longe do cumprimento dos seus deveres, desrespeitando a lei da neutralidade religiosa nas escolas, escandalizando a crença dos seus alunos, e propagando até ideias subversivas contra a política do governo, contra a ordem pública, e contra os próprios princípios da Constituição ».

Por fim, o veemente e justiciero colega cai a fundo sobre o espirito de revolta, que aos estudantes é ministrado — « digamos assim, em pilulas de balofa oratória, saídas da frascaria de certos e quejandos dentinhos, que á maneira das toupeiras, estão furando o subsolo da Patria ».

... Pois estão! Não ha dúvida que estão! Mas quem se importa a valer com isso? Ora!... *De minimis non curat praetor*, não é verdade? Mas depois, com tal sementeira consentida de ventos, não se admirem quando sobrevierem as tempestades!

A COMUNHÃO PASCAL DOS ESTUDANTES

e a formosíssima oração do Snr. Cardial Patriarca

A renovação espiritual que felizmente se manifesta no nosso país e de que a mocidade académica dá exuberantes provas, revela-se sobretudo nas comunhões colectivas verdadeiramente impressionantes que todos os anos se realisam.

A' ultimamente realizada em Lisboa presidiu Sua Eminencia o Sr. Cardial Patriarca, que dirigiu aos rapazes uma formosíssima alocução cheia de ensinamentos preciosos, na qual forma tão particularmente sugestiva e eloquente com que Sua Eminencia costuma exaltar e pôr em relevo as Verdades da Religião Católica.

Transcrevêmo-la na integra para ficar arquivada nas nossas colunas o precioso documento.

Dom Manuel II, Cardial Patriarca de Lisboa — A' Mocidade estudiosa que acaba de comungar o Pão da Vida, nestas bôdas pascaes occorrentes do ano da graça de 1934, décimo nono centenário da redenção: Saude, Paz e Benção, no Coração do Senhor.

« A vós todos os que recebeis, no Banquete Eucarístico, que o Senhor disse tanto desejar celebrar com os Seus, o Pão da vida — saudamo-vos carinhosamente, com o respeito que se tem pelo Corpo de Cristo.

« Porque vós, os que vos alimentais com a hostia consagrada, fazeis parte d'Ele, constituís o seu corpo mistico, continuaí-Lo e prolongai-Lo na terra.

tes, ao contrário do pão terrestre que nós convertemos na nossa própria substância, converte-nos a nós em Si: Incorpora-nos n'Ele, comunicando-nos a Sua vida.

« Incorporados no Homem Deus, a humanidade « nova » que Jesus Cristo regenerou, comunicando-lhe a vida divina.

« Vergontea humana enxertada na Divina Cêpa, que é Cristo, restaurais a raça humana, infundindo-lhe a Vida que Jesus trouxe á terra.

« Quantos, que piégam uma ordem nova, e não são mais do que os ramos sécos do velho tronco humano apodrecido! Não se regenera a corrompida arvore humana, senão renovando-lhe a vida. Todo o esteio duma coação puramente policial não fará mais que manter de pé um cadáver.

« Só Cristo é a Vida. E o que não seja viver n'Ele da comunhão do Seu Espirito e do Seu Coração — não é viver, é morrer.

« O homem que inteiramente O desconhece, não chega jamais a atingir toda a perfeição do seu ser. Caminha na vida como um animal sem olhos, na escuridão do mysterio. Não sabe donde vem e para onde vai.

« Vós, porém, sois a raça escolhida, o sacerdotio real de que falava S. Pedro. Abri o mundo envelhecido fontes de renovação. Até aqueles cujo coração já não sabe comover-se vos olham como

radiosa esperança da vinda de Deus ao mundo.

« Comungar, é receber em nós a Cristo. E só por isto, o nosso peito se converte em verdadeiro trono do Altissimo.

« Cristo, com efeito, é Filho de Deus. Como Filho de Deus, tem em Si a plenitude da Divindade: o Pai eterno comunica-lhe, numa geração eterna, o infinito oceano da sua vida perfectissima: é a Imagem, a glória, o esplendor de Deus.

« Como Homem, está pessoalmente unido ao Filho eterno de Deus. Verbo de Luz: a natureza humana de Cristo é associada á Divindade, que a penetra, eleva, santifica, diviniza: tudo em Cristo é erguido á dignidade e perfeição divina.

« Cristo é, pois, o mar infinito da luz, do amor, da beleza, da santidade, comunicando-se á natureza humana: iamos dizer, a transparência humana de Deus, o próprio Deus sob a figura humana, ou, mais simplesmente, Deus conosco (como o profeta Lhe chamou).

« Cristo é a Cêpa divina, de onde nós outros recebemos a vida do Homem perfeito »

« Se o Filho de Deus é a Palavra infinita, substancial — Verbo — que traduz, significa, exprime perfeitamente a essencia de Deus (tão perfeitamente que é em tudo

igual Ao que exprime): Cristo é essa Palavra divina traduzida na linguagem humana.

« Homem-Deus, é a obra-prima da Criação, que n'Ele é imensamente dignificada: é o Modelo de toda a perfeição, divina e humana: é a glória, a esperança e a regeneração da humanidade, que n'Ele atinge toda a beleza.

« Como de Si próprio disse, é o Caminho, a Verdade e a Vida: — o Caminho, fóra do qual ninguém chegará a conhecer Deus, de Quem é a perfeita Imagem; a Verdade, o próprio Esplendor da infinita Realidade, por Quem existe tudo o que existe; e a Vida, a vida de Deus num homem, a vida do homem unida a Deus, vivida por Deus, a vida perfeita, eterna, infinita...

« Dando-Se-nos como alimento da nossa alma, sob a forma de Pão eucarístico, Cristo comunica-nos a Sua própria Vida.

« Assim como Ele a recebeu do Pai eterno, numa comunhão tão perfeita que os dois constituem uma só divindade (na geração eterna do Filho, o Pai comunica-lhe inteiramente a própria vida, todo o seu ser infinito, comunicação infinita duma vida infinita): assim nós, os que O comungamos, recebemos da Sua plenitude, fonte de toda a vida divina no mundo, a verdadeira vida, constituindo com Ele um só corpo mistico.

« Um só corpo, porque é a mesma a vida que d'Ele chega até nós — nos vivifica, nos sobrenaturaliza, nos diviniza. E se é a mesma — nos une, nos identifica.

(Continúa na 2.ª página)

A COMUNHÃO PASCAL DOS ESTUDANTES

«Cristo exprime esta comunhão de vida pela parábola da videira mística. Na videira há uma só e mesma seiva que alimenta a cêpa e os ramos. É da cêpa que os ramos recebem a seiva; e esta seiva que a cêpa lhes comunica fa-los produzir flor e fruto. Se os ramos, porém, são cortados do tronco, logo seca e morrem: a vida reflui ao tronco.»

«Cristo é a Cêpa divina, donde nós outros recebemos a vida do Homem perfeito.»

«A vida de Deus é verdade e amor. Quem está unido a Cristo não pode deixar de fazer as obras de Deus: e mente, como diria o Apóstolo S. João, o que diz pertencer a Cristo, e vive no erro e no ódio.»

«Verdadeiramente, somos enxertados em Cristo. Como o garfo inserido no tronco, os que de espírito e de coração aderem a Cristo, vivem n'Ele por Ele e com Ele.»

«Por Cristo, a Vida de Deus é-nos comunicada, vive em nós: o homem torna-se participante da natureza divina. Segundo uma palavra de S. Paulo, está em Cristo, faz parte d'Ele.»

«O nosso Bernardes traduzia esta realidade espiritual pelas seguintes assombrosas, verdadeiras palavras: «extensão da Encarnação.»

«Aquele que faz Um com Cristo continua misticamente Cristo no mundo; é como Seu complemento, em que Cristo prolonga a Sua vida.»

«Oh! reformadores utópicos que quereis formar uma raça nova, regenerada de homens puros, generosos, bons — sabeis que não há senão só um Salvador da humanidade: é Jesus Cristo. Tendes aí o Homem perfeito!»

O conceito verdadeiro do Cristianismo é positivo, exaltante e divinizante da vida humana

«Já vêdes como é falso aquele conceito negativo do Cristianismo, partilhado por tantos que o apreciam como crítico que julgasse um poema, não só pela sua beleza intrínseca, mas pelos sacrifícios que custou ao poeta: isto é, pela mortificação e penitência que Cristo exige dos que querem verdadeiramente ser Seus discípulos. A ouvi-los, o Cristianismo seria sinónimo de doutrina de morte; implicaria verdadeira mutilação da natureza humana: produziria sempre a deminuição do homem. Por outras palavras, o homem para ser cristão teria que anular-se, que comprimir-se, que negar-se.»

«O conceito verdadeiro do Cristianismo, pelo contrário, é um conceito positivo, exaltante, para dizer tudo, divinizante da vida humana. Com efeito, que coisa é, no fundo, a vida cristã? É a vida humana divinizada: é imitação fiel de Cristo, a comunhão por nós da Sua vida, a continuação e reprodução em nós do Divino Modelo de toda a perfeição.»

«Para a exprimir com propriedade, a linguagem humana tem necessidade, de empregar uma palavra que significa a elevação acima de tudo que de mais alto podia imaginar-se, da natureza humana: *sobrenatural*. Isto é, a vida humana é elevada a uma ordem superior á da natureza criada; é posta no plano de Deus.»

«E tanto assim, que o cristão verdadeiro não é já sómente criatura de Deus, mas Seu Filho, que traz em Si impressa a effigie de Deus (como todo o filho traz a de seu pai), participa da Sua natureza, continua a Sua vida, comunga dos Seus bens; nem servo, que desconhece o pensamento e é estranho ao amor de Deus, mas associado á vida e obra de Deus, que intimamente comunga e manifesta exteriormente.»

«E não só eleva, mas enriquece infinitamente a vida do homem (quanto á nossa limitada capacidade é possível receber os dons magníficos de Deus) — visto que nos associa á Vida e Obra de Deus.»

«Viver cristamente é pensar como Cristo, querer como Cristo, sentir como Cristo — reproduzir Cristo em nós. S. Paulo dizia na sua linguagem energética, que Cristo era a sua vida. E, na verdade, Cristo vive e actua nos que fielmente vivem da vida de Cristo.»

«A vida humana toma assim um valor verdadeiramente universal. Se Cristo vive em nós, viver é uma comunhão de Deus, a nossa vida eleva-se e alarga-se a tudo que pertence a Deus.»

«Se Cristo actua em nós, os nossos actos não são nossos, são actos de Cristo em nós (é o que qualquer criança da catequese quer dizer, quando os chama sobrenaturais). Já não há coisa que seja pequena, se Cristo em nós a sobrenaturaliza: isto é, a transfigura, a enobrece, a diviniza. Viver cristamente é viver na grandeza, como Deus. Nem coisa que seja mesquinamente isolada. O homem que vive de Cristo constituiu um membro do Seu corpo. Nada, pois, do que pertence a Cristo lhe é estranho; interessa-lhe, como coisa própria. Por intermédio de Cristo, está unido, faz parte de tudo aquilo onde chega a vida de Cristo. E' o associado de toda a obra de Redenção realizada por Cristo, no tempo e no espaço.»

«A vida cristã é vida de luz. A intelligencia humana acende-se assim na intelligencia de Deus; e conhece pela fé os mistérios desconhecidos a todo o esforço, por mais poderoso, da razão do homem.»

«O erro é uma escravidão da intelligencia; o mal uma escravidão da vontade.»

«Deus revela-Se-lhe em Cristo, e o universo como que se lhe torna transparente, como um simbolo de Deus; manifestação externa das perfeições divinas, obra da sabedoria e do amor infinitos.»

«Aquele que não conhece a Cristo vive na ignorância e na escuridão. Não sabe donde vem e para onde vai; que coisa é o homem, se o silêncio eterno responde ao seu anseio infinito de

verdade, de bondade e de beleza, ou se Deus se debruça, solícito, sobre o seu grito de impotência, como um pai; se o bem é verdadeiramente o bem e se o mal é verdadeiramente o mal, ou se tudo, amor e beleza, virtude e heroísmo, sacrificio e dedicação, não são mais que enganosa, passageira fosforescencia da consciencia humana.»

«E' vida de amor. Comunhão da vida divina. Deus vive em nós a Sua vida infinita de amor: o Espírito de Deus estabelece a sua morada na nossa alma.»

«Para o cristão fiel ao movimento de Deus, nele é o Espírito de amor que o guia; vive em união com a Vontade de Deus.»

«Mais concretamente, o coração humano faz seus todos os sentimentos do coração de Jesus.

«O homem só é livre quando conhece o seu destino e o pode realizar. Liberdade no homem é o poder de viver conformemente com a sua natureza racional e vocação cristã.»

«E' Cristo só quem liberta o homem. Aquele que vive como Cristo realiza na carne o Pensamento de Deus, que o cria. Fixa-se na Verdade eterna e comunga o Amor infinito.»

«Vida de Deus, em nós, é inteira ordenação do ser humano em ordem á perfeição absoluta: é a realização e extensão do reinado de Deus em nós, isto é, da verdade, da beleza, do bem.»

«E' lei da natureza humana, mesmo filosoficamente considerada, que, para viver como homem, é necessário submeter os instintivos inferiores á ordem moral.»

«Não! Essa vida que opõem á vida cristã, como sendo a libertação de todas as energias humanas, não é vida, é morte.»

«Desenganai-vos, ó corações ardentes de rapazes feitos para a vida heroica! Querer estender, indiferentemente, a boca ávida de desejos a todos os frutos que nos oferece a arvore do bem e do mal; que matar a sede de amor e felicidade na taça de todos os prazeres, mesmo dos que matam; querer partir á aventura, sem regra nem norte, seguindo não importa que caminhos: isso não é viver, é destruir-se.»

«E' lei da natureza humana, mesmo filosoficamente considerada, que, para viver como homem, é necessário submeter os instintivos inferiores á ordem moral.»

«Nisto se distingue, no ponto de vista natural, o homem do bruto: que este só tem como lei o instinto, enquanto o homem segue a luz da razão, que lhe revela o muudo da alma, superior ao dos sentidos. O universo não é moralmente incolor. Em toda a consciencia de homem se afirma imperiosamente a existencia de uma ordem, duma harmonia, duma beleza moral, que é seu dever e honra realizar no mundo. Isto exige escolha no ideal da vida logo limitação; esforço de vontade, logo renuncia e sacrificio; posição franca entre o bem e o mal, logo tomar partido.»

«Os que afirmam querer defender a individualidade própria livre de todos os retoques, para que a obra da sua vida seja sincera, esquecem que, sem cultura humana, o homem não consegue libertar e afirmar inteiramente o seu «eu»: forma-se, assim, o selvagem, não se forma o homem.»

«Cultivar, até no mundo físico significa o trabalho vigilante que impede que as ervas ruins cresçam espontaneamente ao lado das boas e (porque são más) sufocam estas.»

«E' preciso, disse Psichari, o neto de Renan convertido a Jesus que o avô abandonara, cortar as silvas á nossa roda, para que a bela arvore que somos cada um de nós possa estender as raizes, alimentar-se de toda a nossa própria vida, e cobrir com os seus ramos a maior superficie no universo.»

«Obedecer a todas as impulsões, não é dominar-nos: é sermos escravos. Seguir todos os appetites, não é ser livre: é ser arrastado. Deixar medrar em nós igualmente o bem e o mal, não é ser sincero: é assistir á própria ruina.»

(Continúa no próximo número)

Calendário Histórico

ABRIL

Dia 15. — Ano 1547: D. João de Castro, uma das mais puras e heroicas figuras da nossa história da Índia, depois da gloriosa vitória, com que fez levantar o cerco de Diu, e de haver novamente fortificado a praça, entra em Goa, onde é recebido em pomposo triunfo.

Dia 16. — Ano 1799: O general Bonaparte, mais tarde imperador Napoleão, vence os Turcos da Síria na batalha do Monte Tabor: antes, o quasi-invincível cabo de guerra havia tomado Gaza e Gafa, mas, por não ter artilharia, teve de retirar diante da cidade de S. João de Acre.

Dia 17. — Ano 1534: — O rei de Marrocos levanta o assédio, que pusera á praça de Çafim, que nos pertencia, e era defendido por Luiz de Loureiro: no norte de Africa obtiveram as nossas armas muitos dos seus melhores louros, não obstante os desastres de Tânger e Alcacer-Quebir.

Dia 18. — Ano 1906: Morre, esmagado por um veiculo numa rua de Paris, o sábio Pierre Curie, que, com a colaboração de sua mulher M.^{me} Curie (de nacionalidade polaca), descobriu o rádio, de tam assombrosas e úteis applicações.

Dia 19. — Ano 1526: Os discípulos de Lutero protestam contra as decisões da Dieta ou assembleia de Spira: daí lhes veio o nome de protestantes, acrescentando a esta razão de tal nome (consoante assevera um pensador eminente) a circunstância dos protestantes protestarem geralmente contra a verdade.

Dia 20. — Ano 1882: Morre o naturalista inglês Carlos Darwin, autor do célebre livro *Da origem das espécies*: no qual, depois de Lamarck e Spencer, lançou os fundamentos da doutrina transformista: é de notar, porém, que Darwin nunca foi ateu, — afirmou sempre a sua crença em Deus.

Dia 21. — Ano 1146: Morre o aio de D. Afonso Henriques, o immoraldeiro Egas Moniz: de todos é conhecida a cena impressionante, em que elle, para resgate da palavra dada, vai oferecer-se, com mulher e filhos, de corda ao pescoço, ás vinganças do rei de Lião, que lhe perdoa, comovido.

Dia 22. — Ano 1648: O preto Henrique Dias, á frente dum batalhão de pretos, toma aos holandeses a cidade de Olinda: noutras muitas acções da guerra da libertação do território brasileiro, se distinguio este negro illustre e valentissimo, filho de pais africanos, e que afinal morreu quasi esquecido em 1662.

AUGUSTO XAVIER.

FERREIRA DA COSTA
MÉDICO ESPECIALISTA
Doenças dos ouvidos, nariz e garganta
CONSULTA
aos domingos, das 9 ás 12 horas, no
HOSPITAL DA MISERICORDIA DE
AVEIRO

O X DO PROBLEMA DA EDUCAÇÃO NACIONAL

com a pensão civil; glorificou-se o perjuro e a apostasia; e, por fim decretou-se a incompatibilidade do espirito republicano com a crença religiosa quando esta fôsse a cristã e particularmente a Católica Romana.

Na ordem civil aboliu-se a indissolubilidade do laço conjugal; entronisou-se o amor livre que anda sempre de braço dado com o adultério, com o incesto e com a prostituição. Pouco faltou que como os imperadores romanos se casasse com os efebes e que, como Hortensio fez a Catão, se pedisse emprestada a mulher ao visinho para procrear filhos bonitos e sadios para bem poderem servir a república. O temor de ser apontado como religioso subsiste ainda: e ha quem se diga cristão e católico mas que se envergonha de ir á igreja assistir aos actos do culto mas não duvida entrar a qualquer hora do dia ou da noite, sem rebuço algum, nas casas de tavolagem ou nas de alcouce.

Foi assim que os professores que o eram á data da proclamação da república democrática tiveram que optar entre renegar e comer; pois que quem não renegou ou quem pelo menos não fez confissão pública de anti-religião ou de ateísmo, foi logo inscrito no livro negro dos delatados como inimigos do regime.

Foi nesta atmosfera de defeção e de ignominia moral que foram instruidos, educados e orientados todos os candidatos de ambos os sexos, a qualquer magistério, para o exercicio do qual não podiam ser nomeados sem que pela alfurja politica da localidade lhe fosse passado o certificado de bom republicano e que, pelo que exposto fica, já sabemos o que vinha a ser.

Suprimido nas escolas o ensino religioso e decretada a escola laica, ficou automaticamente suspenso nelas o ensino de toda a moral e principalmente da moral cristã, que é a base fundamental da verdadeira igualdade que é igualdade, de tratamento no prémio e no castigo conforme o merecimento ou desprimor da acção. O resultado devia ser funesto.

Não pode pois muito do atual professorado tomar sobre os seus hombros o encargo da educação da infância, porque não está nem pode estar para isso preparado. E quicá, grande parte dele, imbuido das ideias anti-religiosas, anti-cristãs e até estruturalmente materialistas e pagãs, se não queira prestar ou se não sujeite a fazê-lo e obrigar, violentar alguém a fazer propaganda de um credo ou de uma moral que não professa, em que não creê ou que não compreende, seria o maior dos atentados contra a liberdade de consciencia, e lançar na terra uma semente previamente esterilizada. Não pouco fará ele, já, se, dando-lhe as necessárias diretivas e obrigando-o a cingir-se aos textos expurgados das inexactidões que neles introduziram os corifeus do liberalismo, conseguirem instruir sem deturparem a história como até agora tem acontecido.

A missão de educar, e principalmente a de ministrar educação religiosa não pertence ao professor; pertence ao *mater familias* e, por uso corrente, entre nós, geralmente confiada ás mães.

Se porém a atual falta de preparação do professorado é manifesta, a falta de preparação do *pater* e da *mater familias* ainda é mais flagrante. Para se obter a resolução do problema da reeducação cívica e moral da sociedade portuguesa de futuro pelo ensino doméstico seria indispensável principiar por ensinar os pais.

Assim não se podendo encontrar dentro do estado republicano quem se possa encarregar da missão, pois que dentro desse estado não ha senão mestres e pais de familia que não tem preparação para educar, e educandos que não podem adivinhar o que é mister aprender, forçoso é ir buscar, não fóra do estado republicano, mas ao lado dele, na parte que ele poz á margem e alastou ou separou de si, á instituição que, pela própria essência do seu ministério se conservou única detentora dos principios, dos conhecimentos, da doutrina e do espirito de sacrificio e Fé, necessárias para levar a cabo tão formidável como grandiosa empreza.

Essa instituição, a única de que se pode valer e á qual pode recorrer eficazmente o Estado Novo, se quizer que as sementes lançadas á terra cheguem a germinar e a dar fruto, mas fruto temporamente sasonado, é a instituição de quem se divorciou e com quem é mister que volte a entender-se, para que os filhos desta pátria tão nobre, tão independente e tão gloriosa, não morram á fome e sede de moral e de crenças, e á mingoa de consolações e de esperança numa vida melhor, instituição que, caminhando ao encontro das necessidades da pátria, já principia a mobilizar os seus exercitos de paz, para a nova cruzada de cristianização do país, é a Igreja Católica Apostólica Romana, de cuja comunhão tanta gente de bem anda apartada com o ridiculo receio de incorrer na censura politica do... Dente de Ouro, e de quejandos.

A. STRECHT DE VASCONCELOS
Tenente-coronel

Secção recreativa

(PARA TODOS OS PALADARES)

Definições filosóficas

A lisonja é moeda falsa, a que a nossa vaidade dá forçado curso. Uma criança é um anjo, a quem as asas caem, á medida que as penas crescem.

Um moralista é um sujeito, que sacode o fato batendo com ele nas costas dos outros.

A dansa é a arte de se fazerem doidas as pessoas com juizo. Epitáfio: a última das vaidades humanas.

JOTA ESSE.

1-4 — Charadas em frase

Alto! Pára! E' sempre vagaroso o génio. — 1 — 2 —

Acolá ha uma pessoa opulenta, que passa fome. — 1 — 2 —

A' letra é assim: a cidade exala perfume. — 1 — 2 —

Não é boa a louca partida por este animal. — 1 — 2 —

NAU CATRINETA.

Nomes femininos antigos

Eis alguns tirados dos Livros de Linhagens, e que oferecemos aos papás amantes de arcaísmos: Beringueira Afonso de Baião, — Chamôa Gomes, — Dordia Reimondo, — Estenafinha Pires, — Goldora Goldores da Refeiteira, — Goina Mendes, — Hermeçonça Soares, — Mór Pais Eryvilhõa, — Menilha Froiaz, — Sancha Gualdefes. — Tóda Palacina, — Tareia Afonso Gata, — Urraca Abril, — e Velasquida Pires.

5 — Cinco domingos em fevereiro

Os anos do século em que estamos, e nos quais o mês de fevereiro contará cinco domingos, são: 1920 (que já lá vai), 1948 e 1976, separados, é claro, por intervalos de 28 anos. Para haver cinco domingos em fevereiro, é necessário que o ano seja bissexto, e que o mês comece num domingo, — e isso succederá sempre que os anos bissextos comecem á quinta-feira. E agora digam-nos: qual é o primeiro ano, em que o mês de fevereiro virá a ter... cinco sábados?

X. P. T. O.

6-8 — Charadas sincopadas

O meu parente teve uma visão. — 3 —

Desde menino que eu soffo. — 3 —

Uma planta grande?! Irra! — 3 —

Enigma francês

(Branco é...)

Mon premier est égal en tout à mon second,

Sans chercher on ne peut trouver ni l'un ni l'autre:

Si, devant amant, je devenais le votre,

De mon tout partagé j'aimerais bien le nom.

LUSBRAS.

Decifrações do n.º 170: — Suécia; Marrocos; Polónia; Argélia.

“SEVER DO VOUGA”

PELO

P.^e JOSE LUCIANO LOBO

A' venda na Livraria de Artur dos Reis — AVEIRO.

Publicações recebidas

Recebemos o último número da *Esperança*, revista de formação católica e social que se publica no Funchal e que além dum artigo sobre as virtudes associativas no Estado Corporativo, insere outra interessante colaboração, tendo terminado o curioso trabalho de Edgar Prestage sobre — Portugal — Pioneiro do Cristianismo.

Tambem descreve o que foi a brilhante assembleia geral da Juventude Católica Feminina realizada em 25 de Fevereiro, que nos dá a conhecer a actividade dessa prestante Associação.

De Portugal e do Estrangeiro

Novo Santo. — A cerimónia da canonização de S. João Bosco, realizada no Domingo de Páscoa, foi a mais imponente do Ano Santo: assistiram o Príncipe Humberto de Saboia, herdeiro do trono de Itália, os reis de Sião (Ásia), o Príncipe herdeiro da Dinamarca e outras altas personalidades. Pio XI, que conheceu pessoalmente S. João Bosco, foi delirantemente aclamado pela multidão, sobretudo quando apareceu, a dar a bênção, na varanda exterior da Basílica.

Imprudência fatal. — Eugénio dos Santos, de 7 anos de idade, de Oliveira do Douro, quando há dias brincava com uma arma caçadeira, esta disparou-se, atingindo-o no pescoço e rosto, pelo que a pobre criança veio morrer ao Hospital da Misericórdia do Porto.

6 pessoas mortas à facada. — Na casa dum antigo negociante de carnes, em Bremerpon (América do Norte), foram encontradas 6 pessoas mortas à facada, verificando-se também que a casa fora saqueada.

Estudantes ingleses em Lisboa. — Estiveram em Lisboa, a bordo do paquete « Morris », 600 alunos das escolas de Londres.

Morte dum imperador. — A manifestação anual, comemorativa da morte do Imperador Carlos de Austria, que faleceu há anos no Funchal, reúne nos anos anteriores algumas centenas de pessoas, — e este ano reuniu mais de 2.000, que deram vivas á monarquia austríaca.

Dr. Oliveira Salazar. — A passar alguns dias das férias da Páscoa, tem estado no Caramulo o Sr. Presidente do Ministério.

Eleições na Itália. — Realizaram-se eleições na Itália, havendo mais de 10 milhões de votos favoráveis a Mussolini, e só 15 mil contra.

Morto pelo comboio. — Perto de Famalicão, foi apanhado pelo comboio, Manuel Pedro da Costa, casado, jornalista, o qual teve morte instantânea, sendo o cadáver arrefrescado a distância de 50 metros, e ficando a massa encefálica ao longo da linha na distância de 20 metros. O infeliz deixou dois filhos de tenra idade.

Despesas com as tropas hitlerianas. — Segundo um jornal sueco, o montante de todos os gastos com as tropas hitlerianas é de 1.113 milhões de marcos, dos quais o tesouro pagou 891 milhões, sendo o restante produto de subscrições.

Carro apanhado pelo comboio. — No Minho, foi apanhado pelo comboio um carro de serviço do Sanatório Marítimo, da Gelfa, sendo projectados a distância dois empregados daquele estabelecimento, dos quais um sofreu a fractura de ambas as pernas, ficando o outro ileso. Um comerciante, que ia no carro, conseguiu saltar fóra a tempo.

Ninhos artificiais de andorinhas. — Na Australia, para se evitar que as andorinhas façam os ninhos nos fios telefónicos, mandou a Repartição das Comunicações fabricar ninhos artificiais, que serão colocados nos postos: e a verdade é que, depois dalguns meses de experiência, verificou-se que as andorinhas preferem estes ninhos artificiais, dos quais não pagam renda.

2.000 peregrinações. — Durante o Ano Santo, foram a Roma 2 mil peregrinações, das quais a maior veio da Índia, presidida pelo Arcebispo de Madrastra e mais cinco Bispos da Índia.

Grande incêndio. — Em Idanha-Nova, na residência do escrivão de direito, ás 2 horas do dia 28, declarou-se incêndio, salvando-se apenas as paredes do prédio: as pessoas da casa mal tiveram tempo de fugir muito á pressa, deixando todos os seus haveres e roupa, menos a pouca que puderam ainda vestir.

PARA LÁ DA FRONTEIRA

Notas e impressões

- Ainda o discurso do Duce.
- O Fascismo em marcha.
- De fenomeno nacional tornou-se fenomeno universal, diz Mussolini.

Vimos na crónica anterior, na transcrição feita de algumas palavras do discurso do Duce, proferido perante a 2.^a assembleia quinzenal fascista, que o chefe italiano considera o Fascismo em marcha, passando de fenomeno simplesmente nacional, para um fenomeno de caracter universal.

Tratar-se-á duma simples afirmação, banal e jactanciosa, do organisador da marcha sobre Roma e do reformador audaz da politica italiana, inebriado pelo sonho duma tradição extinta, de poder e dominio imperialista, que tenta renovar no campo das ideias, se lhe não fôr possível mesmo restabelece-la no campo dos factos?

Ou pelo contrario corresponde á afirmação ao que na realidade se observa no mundo, no dominio da renovação politica que se está operando?

O Fascismo realmente transpõe as fronteiras da Italia e alastra pelos outros países, tornando-se assim de fenomeno nacional em fenomeno universal, como diz o Duce?

Sobre a sua força e vitalidade dentro da nação não pode haver duvidas. A ultima vitória eleitoral foi retumbante. Em perto de 11 milhões de eleitores que acorreram ás urnas, votaram 10.025.512 a favor e apenas 15.256 contra, tendo-se anulado 1.219 listas.

O acto revestiu a forma plebiscitaria, devendo os eleitores no seu voto declarar apenas — « Não » — ou « Sim ».

Pois, segundo informou a Havas, em muitos circulos nenhum eleitor votou — Não —. Ascoli, Avelino, Benevento, Brindizi, Chieti, Loece, Rieti, Salerno, foram do numero.

Em Corizia votaram 54.400 sobre 58.377 inscritos, sendo votos contrarios somente 294. Em Balzano, região ligada á Italia pelos Tratados de Paz, votaram 8.593 em 9.408 recenseados, contra 99. Em Napoles (Provincia) votaram 471.293, sendo 72 contra. Em Roma (Provincia) votaram 302.074 sendo 629 contra. Em Forli, provincia natal do Duce votou 98,50 % do eleitorado, tendo sido a percentagem geral dos votantes, em relação ao numero de recenseados, de 93,25 %, batendo assim todos os records.

O Fascismo é pois, realmente, um fenomeno nacional, perfeitamente integrado já no espirito do povo.

— Será igualmente um fenomeno universal?

O Duce não fez com efeito uma afirmação vã, simples frase declamatoria. O Fascismo está realmente em marcha e invade todos

os países, com outras formas de organização, com outro nome mesmo, mas na essencia fascismo, tal como doutrinariamente o concebeu Mussolini.

O velho continente e as Ilhas Britanicas não resistem já á invasão, nem mesmo a Russia, onde se instalou o Bolchevismo, formula revolucionaria de que o Fascismo é declarado adversário.

O numero de aderentes russos é já de 70.000, havendo em Berlim, centro da organização, uns 15 mil.

O chefe, Svetosaroff, declarou ha tempos a um jornalista que o Nacional socialismo russo representa o combate sistemático ao Marxismo e a sua organização tem manifesta importancia porque a imprensa sovietica ataca-a vigorosamente.

E o que pensam os fascistas russos sobre a forma do governo? Svetosaroff explicou ao jornalista:

— « Para nós, o regime não é um problema. Não poderemos estabelecer um regime de exaltado capitalismo privado e com excessivos privilégios aristocraticos.

Nem a tirania branca, nem a tirania de Staline. Cinco anos depois de estarmos no Poder, faremos um plebiscito.

E a confiança do Chefe na marcha e no triunfo do movimento resalta destas suas palavras:

— « O Comunismo, propriamente dito, está desaparecendo na Rússia. Para se aguentarem no Poder, os bolchevistas estão formando um nacionalismo militarista, que os compromete seriamente, e que não basta para aplacar a desconfiança do povo defraudado e sacrificado. A Revolução Nova seguirá na marcha, sem que ninguém a possa evitar. Quando vencermos, o fantasma terá desaparecido do Mundo ».

O que se passa na Inglaterra, na Irlanda, na Espanha, na propria França é igualmente significativo.

O assunto é interessante e a ele voltaremos.

Mussolini não declamou, não. O movimento fascista é na verdade, um movimento em marcha e um fenomeno de caracter universal.

QUERUBIM GUIMARÃES.

JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE AVEIRO

ARREMATACÃO

2.^a PUBLICAÇÃO

No dia 8 de Abril próximo, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, e nos autos de execução de sentença que Manuel José de Barros, casado, comerciante, de Aveiro, move contra Manuel dos Santos Reigota, proprietário, e mulher, também proprietária, ambos da Gafanha de Aquem, vão pela segunda vez á praça para serem arrematadas por quem maior lance oferecer, acima de meta

de das suas respectivas avaliações, as seguintes propriedades pertencentes e penhora das aos executados:

— Uma terra lavradia, com suas pertenças, situada no Monção, limite de Ilhavo, avaliada em 200\$00, e vai á praça por metade, ou seja, por 100\$00;

— Uma terra lavradia e praiasita na Gafanha do Junca, Ancho, freguezia de Ilhavo, avaliada em 7.500\$00, e vai á praça por metade, ou seja, por 3.750\$00;

— Uma terra lavradia, com suas pertenças, situada no Monção, limite de Ilhavo, avaliada em 800\$00, e vai á praça por metade, ou seja, por 400\$00;

— Uma morada de casas térreas com quintal, terra la-

vradia, pinhal e praia de estreme, sita na Gafanha de Aquem, freguezia de Ilhavo, avaliada em 19.000\$00, e vai á praça por metade, ou seja, por 9.500\$00;

— Uma praia de produção de estreme e molico, com suas pertenças, denominada João Calancho, sita no Esteiro do Ancho, limite de Ilhavo, avaliada em 400\$00, e vai á praça por metade, ou seja, por 200\$00.

Por este meio são citados quaisquer credores incertos para usarem dos seus direitos. Aveiro, 1 de Março de 1934.

O Chefe da 1.^a Secção da 1.^a Vara, António Coelho de Sousa Machado. Verifiquei. O Juiz de Direito da 1.^a Vara, Artur Valente.

JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE AVEIRO

EDITOS DE 15 DIAS

2.^a PUBLICAÇÃO

Por este Juizo de Direito, e pela 1.^a Secção da 1.^a Vara, a cargo do Licenciado Sousa Machado, e nos autos de insolvência civil que Elisiário Dias Moreira, casado, negociante, de Aveiro, requereu contra José da Cruz, viuvo, também de Aveiro, correm editos de quinze dias a contar da segunda e última publicação do presente anúncio para que os credores do requerido reclamem os seus créditos, nos

Correspondências

Vagos, 2.

Semana Santa. — As cerimónias das Endoenças decorreram com o maior respeito e esplendor, sendo muito para notar a numerosissima concorrência de feis, tanto ás cerimónias da tarde como ás da manhã. Os sermões, pregados por três distintos oradores sagrados, foram muito apreciados: só o da Ressurreição é que teve de ser pregado pelo Rev.^o Pároco de Vagos.

Visita Pascal. — A visita pascal foi já realizada na vila de Vagos, e nalguns logares da capela de Santo André: tanto o Pároco como o Rev.^o Coadjuutor tem sido recebidos com inequívocas demonstrações de generosidade e carinho em todas as casas.

Manifestação de simpatia ao Prior de Vagos. — No domingo de Páscoa, depois da visita pascal na vila, foi o Rev.^o Pároco de Vagos acompanhado, desde a Praça á sua residência, pela banda de Vagos e imensa multidão, que se pode calcular em cerca de 2.500 pessoas. Ao chegar á sua casa, o Rev.^o Alirio de Melo, num discurso de 15 a 20 minutos, agradeceu ao seu bom povo tão grandiosa manifestação de carinho, e bem assim todas as provas de dedicação e generosidade, que lhe tem dado durante os seis anos de parquialidade. As palavras do Rev.^o Prior, frequentes vezes interrompidas de vivas e aplausos, foram no final coroadas da mais vibrante aclamação de todos aqueles muitos centenas de pessoas.

A presenciar tão singular e comovedor espectáculo, havia vários individuos dalgumas freguesias vizinhas.

Nova caixa postal. — No logar do Lombomeão foi creada uma nova caixa postal, que muito vem beneficiar os habitantes daquela laboriosa terra.

C.

termos do art. 7.^o do Dec. n.^o 21.700.

Foi nomeado administrador da insolvência António Ferreira, casado, negociante e proprietário, também desta cidade.

A insolvência foi declarada por sentença de 24 do corrente mês e ano.

Aveiro, 24 de Março de 1934. Verifiquei.

O Juiz de Direito da 1.^a Vara, Artur Valente.

O Chefe da 1.^a Secção da 1.^a Vara, António Coelho de Sousa Machado.

— 12 —

TALÁBRIGA

Não pode ter sido em CASSIA

No decurso da publicação do meu desprezencioso artigo sobre a provavel situação da Talábriga, da história ou da lenda, veio á estacada, no N.^o 168 de o *Correio do Vouga*, de 17 de Março findo, o illustre arqueologo e competentissimo director do Museu Regional de Aveiro, Sr. Dr. Alberto Souto, publicando uma carta na qual, com a declaração de não pretender estabelecer controversia, persiste, contudo, em sustentar que a falta de monumentos de estilo romanico, na região do baixo Vouga e beira mar do distrito de Aveiro, se deve á carência de centros populosos e ricos, no tempo em que esse estilo arquitetónico esteve em voga, não porque, como avengei, grande parte do que hoje é litoral, não existia no tempo dos romanos, pelo que não podiam encontrar-se nele, vestígios de povoações romanas e, com maioria de razão, vestígios de povoações lusitanas, como também, pela sua natureza alagadiça e instável, se não prestou, quando mais tarde a acção da natureza o formou, a serem nele alicerçados, os pezados edificios de estilo romanico dos séculos XI a XIII, mas sim e unicamente porque, a região, tendo sido assolada por continuas guerras, expedições e algaradas, se não poderam os povos estabelecer nela com a necessária segurança.

No seu artigo, prometeu desde logo, o Sr. Dr. Alberto Souto, desenvolver a prova da sua tese, em uma conferência que se propunha realizar na Sociedade de Antropologia e Etnologia, de que é qualificado membro, na Universidade do Porto.

O módulo de fidalga cortezia com que o illustre arqueologo se me referiu, e ao meu insignificante artigo, ter-me-ia, talvez, obrigado a não permanecer em tão longo silêncio, para lhe agradecer essas referências; pelo que a demora em o fazer, como agora o faço, em nada pode representar menos apreço pelas suas boas palavras. E, como tivesse prometido para muito breves dias a realização da sua conferência, aguardei ouvi-lo, para, depois, também sem pruridos de polémica, dizer de minha justiça.

Antes de mais nada, devo agradecer ao Sr. Dr. Alberto Souto, o saboroso repasto intelectual e espirital que, para mim, a sua notável e interessantissima conferência constituiu, a qual foi apropriada e equitativamente qualificada, pelo Sr. Dr. Mendes Correia, que presidiu á sessão da douta agremiação, de trabalho erudito, consciante, elegante e patriótico. E, assim, confesso que me dou por feliz, por, sem o querer, ter dado incentivo ao illustre homem de ciência, para ter dado esse notável desenvolvimento a

— 9 —

devendo ter passado por Paradela, topónimo indicativo ou de uma estação de mala posta, ou de logar onde as tropas costumavam fazer um alto horário.

Perto de Agueda e de Marnel se encontra, também, o logar da Trofa, que significa passagem de linha de água-barca.

Por estes averiguados pontos de passagem da estrada romana, se conclue logicamente que, a actual cidade de Aveiro, (leia-se Aveiro, de *ava*, água, ria e não de aves, ave) não pode de maneira nenhuma ocupar o assento da antiga *Talábriga*, porque, devendo ser tocada pela referida estrada, esta lhe ficava algumas léguas a nascente.

Para averiguarmos a situação exacta de Talábriga, temos que considerar o que dela se diz nos textos e o que dela consta no Itinerário.

Segundo este, Talábriga ficava a 18 milhas de *Lancóbrica*, que corresponde muito aproximadamente ao Castelo da Feira e a 40 milhas de Aeminio ou Coimbra.

Se medirmos na Carta de 1/850.000, por exemplo, a distância entre Feira e Coimbra, notamos que é de 0,0095 o que representa uma distância real de 80,675. As 58 milhas de 1472^m,5, que segundo o itinerário separam estes dois pontos e valem 84,405, o que é natural, pois a distância pela estrada ha-de ser fatalmente superior á distância em linha recta.

Talábriga, devendo ficar a 18 milhas no sul da Feira, deve encontrar-se a cerca de 18x1472^m,5 ou seja a cerca de 26k,505 para o sul.

Se seguirmos na Carta Itinerária a estrada que liga a Feira com o procurado logar de Talábriga, perto da estrada nacional Porto-Lisboa, verificamos que coincide sensivelmente com Lamas do Vouga.

De Lamas do Vouga a Coimbra, medem-se na Costa de 1/85000 0,006, equivalentes a 51k,00; as 40 milhas que segundo o itinerário separam Talábriga de Aeminio valem 57k,900. Tem pois uma diferença de cerca de 7 kilometros entre as duas medidas: mas se considerarmos que este trço de estrada além de dever ser superior á distância em linha recta é muito sinuoso, temos que concordar que as distâncias coincidem e que é entre o Agueda e o Marnel que havemos de situar a celebrada *Talábriga*.

Vamos agora a ver o que dizem os textos.

Além do que consta do itinerário, a principal notícia que temos de *Talábriga* e que consta do texto transcrito de Plínio, por successivos historiadores que diz assim: — « A Durio Lusitania incipit Turduli veteres, Pessuri, flumen Vacca, opidum Talabrica, etc. ».

HINO DA VANGUARDA

A nova composição musical do Maestro Rui Coelho

Rui Coelho, compositor de inspiração nacionalista cuja obra impondo-se à admiração de todos os portugueses passou já, de há muito, as fronteiras, levando a terras do estrangeiro o nome de Portugal, compoz agora o hino da nova organização escolar A. E. V.

Trata-se duma peça musical onde vibra o ardente entusiasmo dum mocidade que quer levar até o fim o espírito da revolução nacional que uma inclita geração iniciou para Bem da Nação.

Este hino teve a sua completa consagração na memorável sessão de S. Carlos onde pela primeira vez foi executado na presença de Salazar.

A letra que foi escrita pelo poeta Parente de Figueiredo constitui o complemento admirável daquela composição.

A A. E. V. com o fim de tornar conhecido o seu hino e para responder ao pedido feito por muitos que desejam obtê-lo fez dele uma edição para piano e canto.

Esta, que apresenta uma bela capa e foi primorosamente cuidada, encontra-se à venda, em Lisboa, na Casa de Músicas, Oliveira, Rocio, 57.

Todos os nacionalistas devem adquirir este magnífico canto de um Portugal Novo.

APRECIÇÕES

O « Excelsior », importante diário parisiense, depois de pormenorizar a excelência dos métodos empregados pelo Sr. Dr. Oliveira Salazar na restauração das finanças, escreve: « Não resta dúvida de que os métodos financeiros empregados em Portugal podem ser apontados como exemplo a numerosos pequenos Estados e até a algumas grandes potências ».

São palavras inteiramente justas, que ninguém melhor do que nós tem tido ocasião de avaliar. Em todo o caso é-nos grato o conceito em que é tido lá fora o ilustre Ministro das Finanças do Governo Português.

« Portugal é dos poucos países que mantêm um excedente orçamental neste período de depressão ».

Diz a Revista oficial dos Estados Unidos da América, « Commerce Reports ».

O ODIÓ JACOBINO

Decorreram mais de 40 anos que o irmão Seixas, delegado secreto da Internacional, fez propalar em Lisboa que os Jesuítas roubavam crianças, para delas extrair óleo humano.

Por 400 mil réis, alugou-se um seminarista, de nome Alfredo Gamboa, que depois se fez actor, e uma mulher, por 100 mil réis, que levaria a criança para Gamboa a roubar.

Na manhã combinada, o seminarista apresenta-se na Praça da Figueira e uma criança agarra-se-lhe à sotaina. Alguns irmãos do Bairro Alto pegam a ganhar que o Jesuíta roubava a criança e o povo cai em cima de Gamboa à pancada.

Protegido por outros comparças, o seminarista safa-se numa carruagem, que também estava ali perto, à espera que se desenrolasse a comédia.

No dia seguinte, a imprensa espalhava a horrível tentativa do fabrico de óleo humano; e o irmão Seixas, que naquela farsa gastou mais de um conto de réis, equivalente hoje a cerca de 30 mil escudos, ria-se na sombra, a bandeiras despregadas.

(De A Verdade).


JOSÉ DIAS JUNIOR
 CIRURGIÃO DENTISTA
 Consultas na Clínica,
 ás 3.ª, 4.ª, 6.ª
 e sábados

AS DOZE VERDADEIRAS

A verdadeira vitória encontra-se na paciência.

A verdadeira felicidade no sacrifício.

A verdadeira riqueza no desprezo de tudo.

O verdadeiro lucro, em dar aos necessitados.

A verdadeira glória, no sofrimento.

A verdadeira realza no serviço de Deus.

O verdadeiro progresso na renúncia de si mesmo.

A verdadeira liberdade, na sujeição ao dever.

O verdadeiro gozo, na imolação das paixões.

A verdadeira habilidade, na simplicidade do coração.

A verdadeira nobreza, na prática da virtude.

A verdadeira sabedoria, na loucura da Cruz.

De As palavras de ouro, Bispo do Pará.

AQUI P'RA NÓS QUE NINGUEM NOS OUVÉ...

Ha coisas que todos os que tem responsabilidades intellectuais, sentem mas que, por vezes, não têm a hombridade precisa para confessar-las...

A probidade intellectual é uma das coisas que mais impõe o homem. Com que saudade eu me lembro dum velho mestre sendo que, homem duma erudição assombrosa e duma invulgar fluência de linguagem, não tinha dúvida (e muitas vezes o fez) de rectificar na lição seguinte qualquer afirmação que tivesse feito na véspera e reconhecesse depois ser menos exacta...

Ao lado destes quantos bufarinhos da ciencia nos aparecem que, sem escrupulo mental de qualidade alguma, fazem peremptoriamente as afirmações mais ouzadas embora por vezes repizem ideias postas de parte ha muito!

Há sobretudo o campo da história onde a paixão faz dizer os mais assombrosos absurdos.

Examinar os factos de hontem à luz do dia de hoje, julga-los como se fossem passados agora, expô-los a quem os escuta com as côres da hora que passa, tudo isto conduz fatalmente a erros graves...

O juiz honesto julga um reu examinando com cuidado a sua culpabilidade no crime que lhe é imputado e applicando-lhe a pena que a lei impõe a tal crime nas circunstâncias que o acompanharam.

Se o juiz não concorda com o regimen penal que a lei manda applicar, o seu dever será influir, pelos meios honestos que poder dispôr, para que a lei seja modificada. Emquanto o não fôr, ele tem obrigação de applicar a pena não segundo as suas ideias filosóficas mas simplesmente segundo a lei.

Poderia a posteridade tecer-lhe louvores se ele tivesse julgado, não segundo a lei do seu tempo, mas conforme a sua previsão do futuro. Não era, porem, justo tal juiz.

Este pensamento exposto assim, *currente calamo*, parece-me digno de medição.

Veremos que ideias ele fez nascer no meu espírito.

NINGUEM.

Auxillal os tuberculosos pobres comprando o SELO ANTI-TUBERCULOSO

Federação dos Vinicultores do Centro e Sul

Uma circular dirigida aos grêmios concelhios sôbre regularização de preços

A direcção da Federação dos Vinicultores do Centro e Sul do País enviou uma circular aos grêmios concelhios de produtores de vinho, com instruções atinentes a obter uma regularização de preços.

Diz-se nesse documento que o objectivo immediato a alcançar é assegurar os preços mínimos dos vinhos, por meio de compras realizadas pela Federação, warrantagem de vinhos e aguardentes, disciplina dos contratos e fiscalização. A Federação propõe-se comprar, desde já, a produção dos pequenos vinicultores, que são os que produziram ou fabricaram até dez pipas de vinho. Para esse efeito, precisa de vasilhame para receber o produto e cascaria para o transportar. Por isso, devem os grêmios procurar obter a cedência gratuita de adegas e recipientes, ou alugá-los, pelo menor preço.

Quando se retirar o vinho comprado a qualquer vinicultor, retirar-se-á, também, a sua contribuição. A reserva ou contribuição dos outros vinicultores será retirada do mercado, pela ordem seguinte: primeiro, a dos vinicultores que produziram ou fabricaram até 100 pipas; depois, a dos de mais de 100 até 500 pipas, e por fim as dos de mais de 500 pipas. Retiradas do mercado as produções dos pequenos vinicultores, por compra, retirada do mercado a reserva ou contribuição de todos, espera-se que o comércio adquira ao preço legal o que restar. Se isso não acontecer, a Federação intervirá directamente no mercado,

A GRADECIMENTO

Maria Celeste Barboza de Oliveira, Maria Ascenção de Oliveira Salgueiro e Egas da Silva Salgueiro, vêem publicamente patentear a sua enorme gratidão a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada, o corpo do seu saudoso marido, pai e sógro Máximo Henriques de Oliveira, e bem assim o seu grande reconhecimento à Ex.ª Direcção e Corpo Activo da Companhia Humanitária dos Bombeiros Voluntários pela tocante homenagem prestada ao seu funeral.

Mais pedem desculpa às inúmeras pessoas a quem por insuficiência de enderêço, não poderam particularmente enviar os seus agradecimentos.

AGENCIA FUNERARIA NARCISO GRAVATO

VAGOS Fornece urnas e encarrega-se de todo o serviço funerário

de forma a assegurar os preços mínimos fixados na lei.

Com esta garantia, com a do aumento de preços, por quadrimestre, e a utilização de créditos por meio da warrantagem de aguardentes e vinhos, embora, quanto a estes, limitada às grandes produções, espera a Federação que se regularize o mercado.

ARTE SACRA
 OFICINA DE ESCULTURA E TALHA
 DE
GUILHERME FERREIRA THEDIM
 ESCULTOR
 Santa Cruz do Bispo — MATOZINHOS

IMAGENS — Executam-se imagens de todos os tamanhos e pintam-se com a maxima perfeição, bem como se restauram e pintam imagens antigas, ficando como novas.
 Fazem-se altares, douramentos e decorações de templos, para o que temos pessoal habilitado, bem como nos encarregamos de todos os objectos concernentes à Igreja.
VALOR ARTÍSTICO — Não só a parte artistica mas ainda o sentimento cristão, elevação mística e união religiosa de que todas as imagens são revestidas, tem sido o verdadeiro e unico reclame desta casa, do que já tem provas de sobejo.

Na Penitenciária de Coimbra

Realizou-se no passado domingo, festa da Ressurreição do Senhor, a Comunhão Pascal dos presos da Penitenciária. Confessaram-se na véspera, preparando-se assim para receber o Pão dos Anjos.

Foi uma festa muito simples mas muito piedosa. Celebrada a Santa Missa, foi transportado o Santíssimo para uma das salas da Cadeia. Os presos, de pé, ao redor de toda a sala, ouviram atentamente uma pequenina allocução em que se lhes mostrou a dignidade dum alma que recebe a Jesus Sacramento. Jesus é o tesouro escondido, e a pedra preciosa, que as almas inteligentes procuram adquirir a custa de... tudo. Alguns presos comoveram-se até às lágrimas. Depois da comunhão agradeceram ao Senhor, rezando em côro, a grande mercê recebida. Bem hajam os presos, que, embora condenados pela justiça da terra, sabem recorrer ao Senhor de toda a justiça que perdoa aos maiores criminosos quando se apresentam de coração contrito e humilhado.

Os números dos presos que fizeram a sua comunhão pascal são os seguintes: 26, 30, 53, 60, 63, 65, 71, 76, 84, 92, 96, 106, 107, 108, 118, 119, 123, 130, 131, 133, 141, 142, 158, 171, 173, 176, 185, 189, 193, 198, 199, 207, 208, 209, 216, 217, 219, 220, 225, 259 e 268.

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO TRIUNFAL DO DESPORTO

Senhor Director do Jornal Correo do Vouga.

Vai realizar-se no corrente mez, pela primeira vez a grande Exposição Triunfal do Desporto, rasgada iniciativa do jornal O Seculo e que patrocinada pelo Comité Olímpico Portuguez, tem a coadjuvância desinteressadamente o Automovel Club de Portugal que para o efeito cede as suas magnificas instalações.

O êxito que prevemos a ideia calculado pelo carinho com que tem sido acolhida, leva-nos a solicitar de V., como director de um jornal o seu apoio e auxilio tão necessários aos grandes empreendimentos, cujo fim como o presente, só tem em mira fazer movimentar a massa desportiva nacional, com uma exhibição de todos os troféus, taças, prémios, reliquias, etc., ganhos tanto no estrangeiro como no nosso país, pelos nossos Clubs e pelos nossos desportistas desde o alvorecer do desporto.

Certos da aquiescência de V. e do digno jornal que superiormente dirige a Comissão Executiva da I Exposição Triunfal do Desporto apresenta as suas mais cordiais saudações e os seus agradecimentos antecipados.

Somos com a maior consideração, de V. muito at.ºs ven.ºs e obrgs. — Pela Comissão Executiva da I Exposição Triunfal do Desporto, Mário de Moroul, Secretário Geral.

CESAR CARDOSO
 ADVOGADO
 Com escritórios: na Fogueira, todos os dias até ás 11 da manhã; de tarde, em Anadia, em frente ao estabelecimento comercial do sr. José : : : d'Almeida : : :

PROCISSÕES DO ENTERRO E DA RESSURREIÇÃO

Na 6.ª feira passada realizou-se a procissão do Entêrro e no domingo de Páscoa, nas duas freguesias, a da Ressurreição. Todas, como de costume, se apresentaram com compostura e na melhor ordem.

LUÍS DE AZERÉDO PEREIRA
 ADVOGADO
 VAGOS

PATRONATO DAS PRISÕES

A todos os que se dignaram dar quantias ou géneros para o jantar dos presos realizado no dia 28 de Março, acedendo assim ao pedido que lhes foi feito, o Patronato das Prisões reconhecidamente agradece.

Não tenho à mão o texto original de Plínio, o que seria de grande conveniência para repor na sua pureza a verdade do texto; porque, nisto de citações cada um as transcreve e faz e interpreta à medida do seu desejo.

Aquelas palavras dizem-nos porém que a Lusitania principiava no rio Douro, o que é verdade; depois o texto torna-se obscuro pois se não sabe o que quer dizer com as palavras « Turduli veteres, Pessuri, flumen Vacca, opidum Talabriga ». Quere dizer que os Turdulos antigos e os Pessures, ocupavam no rio Vouga a praça castelo ou cidade Talábriga? Ou que o território dos Turdulos antigos Pessures ocupavam o território do rio Vouga e Castelo de Talábriga?

Isto é tanto mais confuso que falta o complemento da frase: « A Durio incipit Lusitania », que devia completar-se por Ad..., designando o termo dela do lado do sul; que Pessures se não escreve com dois s; e que a segunda habitada pelos Psures ou Pessures era segundo Bossuet (Epitome Lusitanae Historiae), Herminios montes tractumque circa (Castelo Branco, Covilhã e Serra da Estrêla); ao passo que os Turdulos Veteres habitavam a Durio ad Mundam usque aut ad Tagum forsan non procul a mari (Beira-Mar e Extremadura).

A palavra pessures deve estar estropiada; pelo que me parece que o texto dizia: A Durio incipit Lusitania; Turduli Veteres, pessune eris Vacca oppidum Talabriga, ad Mundam. Isto é, os Turdulos habitam desde o lugar onde no rio Vouga se está submergindo (pessum eris) o oppidum Talabriga.

Esta interpretação leva-nos a colocar Talábriga, não só no rio Vouga, mas em lugar onde se estava erguendo, subvertendo nas suas águas ou nas suas areias, a mesma povoação e logares adjacentes.

Ora em Lamas (entre o Agueda e o rio Marnel, ha duas pontes que estão já tão assoriadas, que se passa navegando sobre elas, e tendo em consideração o que se deu com a ponte de Coimbra, que já é a terceira sobreposta, não repugna acreditar que, neste lugar, ou próximo dele se tenha submergido no terreno uma antiga povoação, que se encontrava à margem, ou era atravessada pela estrada romana.

Além disso, o lugar de confluência de dois rios foi sempre o escolhido pelos Turoulos para edificarem as suas domus, citanias ou condados, preferindo os picos ou cabêços dos montes a que os cursos de água faziam defesa natural. A quando da invasão romana foram desalojados destas posições e obrigados a estabelecerem-se nos vales. Ora, perto do Marnel, ha no Cabêço do

Vouga, vestígios de uma antiga povoação que, ou foi arrazada pelos romanos, como aconteceu à Feira, ou edificada pelos romanos para seu cómodo e defesa, em lugar do que se estava submergindo no fundo do vale.

Posto isto vamos indagar da etimologia de Talábriga sôbre cujo particular podemos formular três hipóteses pelo menos; que é um nome ibérico, ou celta ou latino.

Supondo que o nome é ibérico, procurando no hebreu as raizes da palavra, encontramos ddalah, (tála), água turva; ddaláh, (talá) debil afflicto, arruinado. O segundo elemento briga, já sabemos que vem do mesmo, briaah, povoação.

Sabe-se que no litoral lusitano se estabeleceram colónias grêgas, e que é muito natural que a toponímia costeira se ressinta da sua influencia e conserve vestígios dela.

Ora em grego Tâlas significa desgraça, afflicção, ruína; palavra que ficou na nossa lingua na frase ver-se em Tâlas, isto é em desgraça, em ruína; o verbo talar também, em português, significa destruir.

Brykhar, em grego, significa abismo; morredouro; e brykhia, significa subvertida, ou submersa nas águas. Logo Talábriga, significa atascada na lama.

Supondo que o nome é celtibero, thal, ou dal, (A. Forte) significa ravina, fundão, linha de água, vale lameiro; briga, em celtico significa ponte, ou bica, povoação. Logo, povoação da ponte ou do Lameiro.

Se a supuzermos latina pode vir de tolea no grego thalia de thar profundidade; ou de thalto, estaca, madeira trave; ou tollere, destruir, arruinar, subverter, do grego, tholós, lama, borbá; e bricas de celtico brús, partida, destruída, ou imbrica coberta. Logo, Talabriga subvertida na Lama.

De modo que, por mais voltas que dermos à palavra, ela se traduz sempre ou por povoação, lugar ou fortaleza de Lamas, ou, abismada, submersa nas Lamas, Paul ou Marnel.

Ora esta coincidência de distância aos pontos mais próximos do itinerário conjugada com a propriedade do toponimo em relação às características do lugar, parecem-me sufficientemente persuasivas e fundamentaveis de Conclusão que a célebre Talábriga se encontra enterrada nas areias do Marnel; sendo por isso que se não encontram vestígios dela, como de muitas outras povoações que identicamente tem sofrido.